

CÃOPANHEIRO: PROMOVENDO A SAÚDE E A QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL¹

Thaisa Natali Lopes², Joslaine Bicicgo Berlanda³, Alexsandra Alves da Silva⁴, Gabriela Gaio⁵, Viviane Ribeiro Pereira⁶, Crhis Netto de Brum⁷

¹ Programa de Extensão Cãopanhia: promovendo a saúde e a qualidade de vida por meio da IAA, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC).

² Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC), thaisanlopes@gmail.com, Chapecó/SC/Brasil

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC), jobicigoberlanda@gmail.com, Chapecó/SC/Brasil

⁴ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC), alexsandrasilva81alves@gmail.com, Chapecó/SC/Brasil

⁵ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC), gabriela.gaio@estudante.uffs.edu.br, Chapecó/SC/Brasil

⁶ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/RS), Professora no Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG), viviane.ribeiroperreira@gmail.com, Pelotas/RS/Brasil

⁷ Professora orientadora, Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC), crhis.brum@uffs.edu.br, Chapecó/SC/Brasil

Resumo: Introdução: Crianças em situação de vulnerabilidade social necessitam de atenção e cuidado que as auxiliem a melhorar seus vínculos afetivos. Mediante a isso, uma das estratégias utilizadas é a Intervenção Assistida por Animais (IAA). Objetivo: Relatar as ações extensionistas do Programa Cãopanhia: promovendo a saúde e a qualidade de vida de crianças em situação de vulnerabilidade por meio da IAA. Resultado: As ações foram desenvolvidas em um Serviço de Acolhimento, localizado em um Município da Região Oeste de Santa Catarina. Identificou-se que a interação com os cães proporcionou benefícios terapêuticos, como momentos de alegria e enfrentamento de medos. Dentre os benefícios, aponta-se o estabelecimento da socialização, especialmente entre as crianças e a equipe promotora das intervenções. Conclusão: A inclusão de um animal em uma abordagem terapêutica, recreativa ou educacional pode contribuir para a promoção da humanização e da qualidade de vida dos indivíduos.

Introdução

A infância é marcada pelo desenvolvimento físico, motor, biológico e psicológico, e pode ser considerada uma experiência heterogênea, que dependerá das diversidades culturais e sociais que a envolvem (SOUZA; VERÍSSIMO, 2015). É por meio do processo de aprendizagem que a criança aprende sobre o mundo, começa ter e receber os primeiros contatos com os sentimentos e emoções, aprendendo assim, a lidar consigo mesma e a

socializar-se com o outro (CARVALHO; FOCHI, 2016).

No entanto, esse processo de aprendizagem pode ser fragilizado em crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Estas vivem em ambientes inapropriados, e acabam sofrendo as consequências das desigualdades sociais, além de outras situações como: a falta de vínculos afetivos na família; uma abrupta passagem da infância para a vida adulta; a falta de recursos mínimos para sua sobrevivência; a inserção precoce no mercado de trabalho; a exploração do trabalho infantil; a falta de perspectivas para o futuro; altos índices de reprovação ou evasão escolar; consumo de drogas lícitas e ilícitas, e até mesmo a aproximação com o tráfico de armas (COSTA; DIEHL; PORTO, 2015).

Segundo Gabatz, Schwartz e Milbrath (2019), ao serem privadas do núcleo social primário, ou seja, da família, serão cuidadas pelas instituições de acolhimento, que servirão de referência de carinho e proteção. Assim, entende-se que uma das estratégias utilizadas para melhorar os vínculos afetivos de crianças em vulnerabilidade social é a Intervenção Assistida por Animais (IAA). Essa intervenção é considerada auxiliadora no desenvolvimento humano e incentivadora na mediação das relações afetivas (homem e animal), contribuindo para a estimulação da capacidade física, cognitiva, social e funcional, repercutindo no desenvolvimento biopsicossocial (NOBRE *et al.*, 2017).

Assim, ressalta-se que a IAA é considerada uma intervenção cooperadora na construção de vínculo afetivo, favorecendo a estabilidade emocional, principalmente quando realizada com a criança. Esta intervenção é desenvolvida no Brasil, desde a década de 1950, mas o interesse maior pelos profissionais da saúde ocorreu somente na década de 1980, e consiste em utilizar animais como mediadores de promoção da saúde (SQUILASSE; SQUILASSE JUNIOR, 2018).

A IAA apresenta inúmeras abordagens, que dependerá do animal escolhido para a intervenção. Dentre elas, destaca-se a cinoterapia, que é um método que utiliza principalmente cães como Coterapeutas em sessões de terapia. Esta interação com o animal permite a promoção do bem-estar, conforto e até redução da ansiedade, despertando sentimentos de afeto e alegria, sendo capaz de estreitar relações interpessoais. Além disso, esta interação pode aflorar sentimentos positivos em crianças em situações de vulnerabilidade social e com problemas emocionais e afetivos, fornecendo assim, suporte para enfrentar estas situações difíceis (NOBRE *et al.*, 2017).

Este estudo tem como objetivo relatar as ações extensionistas do Programa Cãopanhia: promovendo a saúde e a qualidade de vida de crianças em situação de vulnerabilidade

social por meio da IAA.

Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência sobre as ações vinculadas a um Programa de Extensão, denominado Cãopanheiro: promovendo a saúde e a qualidade de vida por meio da IAA. O Programa está vinculado a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Chapecó*, e ocorre desde o ano de 2016, atuando em diversas áreas vinculadas à saúde da criança e do adolescente, desde o ambiente hospitalar até serviços de atenção primária e secundária. Atualmente, o Programa conta com dois projetos de extensão em duas instituições distintas, uma no ambiente hospitalar e outra no Serviço de Acolhimento. As ações relatadas são parte das atividades realizadas em um Serviço de Acolhimento Infanto-Juvenil da Região Oeste do Estado de Santa Catarina. Esse Serviço tem a incumbência de receber crianças e adolescentes que se encontram distantes de suas famílias, devido a medidas protetivas por alguma determinação judicial.

A finalidade primordial do Serviço de Acolhimento é a reintegração das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade ao convívio familiar, de maneira segura, em um menor período de tempo possível, seja com sua família de origem, ou um novo lar definitivo por meio de adoção, guarda ou tutela, ou até conseguir alcançar sua própria autonomia. Assim, esse ambiente funciona como um centro residencial temporário e transitório aos que sofreram algum tipo de abandono, ameaça, ou se encontram em situação de rua.

No Serviço de Acolhimento Infanto-Juvenil, o Programa desenvolveu ações entre os anos de 2018 a 2019.

Destaca-se que o Programa obteve aceite pela Comissão de ética com uso de animais (CEUA) da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Chapecó*, a partir do parecer número 23205.005096/2016-77. O parecer da CEUA se fez necessário devido a atuação com animais independente do teor do trabalho (se é pesquisa ou extensão). Além disso, o Programa conta com a anuência da Instituição e é devidamente registrado na Universidade sob o número EXT-2018-0037.

Resultados

Os participantes envolvidos foram onze crianças que residiam na instituição no período de realização das atividades. Como critério de inclusão, o Programa definiu possuir afeição pelo animal, ou seja, pelo cachorro, e ter idade entre 6 meses a 10 anos. Critérios de exclusão: dificuldades/patologias respiratórias, possuir algum tipo de alergia, que tenham

hipersensibilidade ao Cão-Terapeuta (CT), sentimento de negação em relação à presença do animal, se sentir desconfortável com as atividades em grupo, ou até mesmo individual, com os integrantes do programa. As crianças foram selecionadas pela Coordenadora da Instituição (Serviço de Acolhimento Infanto-Juvenil) que, previamente, sinalizava quais se inseriam nos critérios para a IAA.

Anteriormente à realização da atividade, foram realizados dois encontros com a Coordenadora do Serviço de Acolhimento, a fim de estabelecer um breve reconhecimento do local, das características e necessidades das crianças. Dentre as necessidades das crianças apontadas pela Coordenadora, o destaque centrou-se nos aspectos emocionais, principalmente às situações de dificuldade afetiva de relacionamento e sentimento de medo e raiva.

Supervisionadas por acadêmicas integrantes do Programa Cãopanheiro, juntamente com a Professora Coordenadora, a IAA acontecia em dia da semana e turno estabelecidos, nas tardes das quintas-feiras, com duração de, em média, uma hora, conforme acordo entre a instituição. As atividades, contaram com, no mínimo, duas acadêmicas por intervenção, as quais estavam vinculadas ao curso de graduação em Enfermagem da UFFS, Campus Chapecó.

Para a realização da IAA, contou com o apoio da CT Sofia, da raça Shih Tzu, disponibilizada por uma instituição colaboradora do projeto, escolhida por possuir os preceitos éticos e metodológicos (MURTHY *et al.*, 2015; HOSEY *et al.*, 2018) preconizados para participar do Programa, sendo alguns deles: adestramento, higienização e imunização adequada do animal, dentre outras.

Posteriormente, as ações foram desenvolvidas após a capacitação e avaliação da idoneidade da CT. Esse preparo, como brevemente supracitado, inclui a consulta veterinária e higienização que antecedem no máximo seis horas à intervenção. Já o adestramento e imunização, compreendem os períodos cabíveis e analisados pelo médico veterinário responsável, colaborador no Programa. Ao chegar no local, de maneira inicial e sistemática, ocorre, rotineiramente, a ambientação da CT, de modo que reconheça o local de inserção, possibilitando um momento de introdução para a atividade, como também um momento para realizar suas necessidades fisiológicas, caso seja necessário.

Em seguida, há o contato das acadêmicas com a responsável pelo Serviço, para que haja uma classificação das crianças aptas a participarem da IAA, conforme os critérios de inclusão e exclusão apresentados. Após isso, ocorre a aproximação das crianças com a CT em um ambiente externo disponível para a IAA. Esse espaço possui grama e brinquedos,

o que permite uma interação espontânea com a CT.

No decorrer das ações, foram desenvolvidos registros da IAA, objetivando o bem-estar tanto da CT, quanto dos participantes envolvidos, a fim de identificar possíveis reações de agressividade, ansiedade e medo, como também, comportamentos de natureza positiva, a exemplo de condutas de proximidade, satisfação, alegria, contato afetuoso e alterações benéficas progressivas nas ações desenvolvidas.

Essas crianças que convivem no Serviço de Acolhimento estão, por questões particulares, privadas dos contatos social e, principalmente, familiar. Como resultado, encontram-se socialmente vulneráveis. Essa situação implica nos seus relacionamentos interpessoais, tendendo-os à exclusão do grande grupo, característica perceptível por meio das suas ações, que, por vezes, reprimiam a interação na IAA, preferindo o distanciamento ou até mesmo a interação individual com a CT.

Dessa maneira, pode-se considerar que as ações de IAA aconteceram a partir de duas abordagens: uma coletiva e outra individual. A primeira ocorria de forma que as crianças pudessem, livremente, ir até a CT, respeitando seus limites e potencialidades. Na segunda abordagem, buscou-se direcionar a CT até as crianças que se apresentavam isoladas e com dificuldade de interação com o grupo, para que também tivessem a oportunidade de contato com o animal.

No coletivo, as crianças interagiram tanto com a CT quanto com as demais pessoas inseridas no ambiente, integrantes do Programa e com os profissionais do próprio serviço. A interação individualizada permitia melhor proximidade entre a CT e a criança quando comparada à coletiva. Porém, essa interação coletiva não se tornou obstáculo ao desenvolvimento da intervenção, sendo evidente benefícios em ambas abordagens.

Torna-se perceptível as alterações que um animal provoca em um ambiente, assim como os sentimentos que desperta naqueles que o habitam. No local que se realizaram as atividades de IAA supracitadas não seria o oposto, haja vista que as crianças presentes na atividade expressaram emoções diversas e de maneira singular.

Observou-se que as crianças, em sua maioria, emitiram emoções positivas decorrentes da interação com a CT, uma vez que exprimiram alegria e euforia, por meio de sorrisos, gestos, desejo de interagir e acariciar a CT. Ademais, demonstraram interesse pelo animal, conforme questionavam e comentavam acerca dele, em relação a seu pelo, seus adornos e outras características.

Além disso, envolveram-se no processo de cuidar da CT, uma vez que se disponibilizaram

a auxiliar no fornecimento de água e carinho. Concomitante a isto, inicialmente, algumas crianças apresentaram-se receosas ao relacionamento com a CT, não demonstrando iniciativa, evitando o toque e participando, exclusivamente, pelo contato visual. Esse fato pôde ser vivenciado no caso específico da criança de três anos que, na primeira IAA hesitou em acariciá-la, possivelmente como consequência de traumas advindos de violências anteriores, conforme mencionado pela Coordenadora. Contudo, com o decorrer dos dias das sessões de IAA, já abraçava a CT, permitindo sua aproximação e a externalização dos seus sentimentos. Ressalta-se que a vontade expressa pelas crianças foi respeitada em sua totalidade, não sendo obrigatório qualquer envolvimento indesejado.

Com isso, infere-se que a IAA, além de proporcionar benefício terapêutico, desafiou-as a superarem o medo do desconhecido bem como fragmentar a barreira existente quanto a relação com ela mesma e com os outros, visto que, consoante relato das cuidadoras, muitas jamais haviam sequer tocado em um animal. Ainda, conforme os profissionais do serviço, embora houvesse a expectativa de que algumas crianças não iriam se relacionar com o animal, era possível identificar os benefícios pós-intervenção.

A presença da CT, além de favorecer a socialização entre as crianças e a equipe promotora da IAA, teve reflexo nos profissionais do serviço presentes no momento. Eles não só se mostraram receptivos, mas também muitas vezes encantados com as atividades da CT, sendo possível observar que, assim como ocorreu com as crianças, os adultos ficavam mais calmos, sorridentes e afetivos. Envolveram-se no compartilhamento de afeto tanto com o animal, ao acariciá-lo, quanto com as crianças, ao influenciarem, mesmo que indireta e inconscientemente, a participação delas na intervenção.

Para além das crianças e dos profissionais, os integrantes do projeto durante a IAA vivenciaram diversas emoções e sentimentos. Esse processo acarretou experiência pessoal e profissional, relacionado à atuação do enfermeiro frente à coordenação, gestão e aprimoramento do cuidado, buscando vivenciar o que são processos essenciais da profissão.

Salienta-se que, ademais ao bem-estar humano, é importante que a CT seja respeitada conforme seus limites durante a IAA, especialmente por desempenhar uma função preponderante. Em virtude disso, houve constante diálogo sobre o bem-estar da CT Sofia, especialmente com a médica veterinária responsável, que acompanhou uma IAA com o propósito de avaliar o seu comportamento. Dentre os benefícios propiciados à CT, inclui-se: o caminho percorrido até o local da IAA, considerado um passeio, visto que ela encontrava-se menos ativa em decorrência de sua idade; o banho que lhe ofereciam

anteriormente; e também todo o carinho que lhe era ofertado desde o processo de deslocamento até a conclusão das atividades.

Uma das principais contribuições para a prática do Enfermeiro centra-se na possibilidade de a IAA ser considerada uma aliada terapêutica no cuidado em saúde, especialmente para crianças em situação de vulnerabilidade social. Além disso, ações como essas auxiliam na regulamentação de políticas públicas que venham a corroborar com práticas inovadoras para o atendimento à saúde de crianças.

Discussão

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garante à criança o direito de proteção à vida e à saúde por meio de ações que permitam condições adequadas a um crescimento e desenvolvimento saudáveis (BRASIL, 1990). Contudo, o cenário brasileiro acerca da condição de vida de algumas crianças destoava desse direito. Dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que 25,2% da população entre zero e quatorze anos encontrava-se em situação de extrema pobreza, isso no ano de 2017 (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2019). Ainda conforme apresentado pela Fundação Abrinq (2019), no mesmo ano, 0,8% da população entre seis e quatorze anos de idade encontravam-se fora da escola.

Diante disso, entende-se que uma parcela dessas crianças vivencia sua existência em uma condição de vulnerabilidade. Sobre a vulnerabilidade, entende-se que se apresenta em duas áreas interdependentes, a individual e a coletiva. De acordo com Hino *et al.* (2019), a individual tem conhecimento sobre o fenômeno e adota comportamentos que apoiam sua ocorrência. A área coletiva não só determina a individual, como também abrange a negação de direitos, discriminação e baixa renda (dimensão social), além do sentimento de negligência e organização do setor saúde (dimensão programática). Com isso, percebe-se que há uma pluralidade de fatores que culminam à vulnerabilidade. Sendo assim, torna-se necessária uma visão holística do indivíduo a fim de entender que suas demandas e necessidades são oriundas de diversos elementos, intrínsecos no seu cotidiano (CARMO; GUIZARDI, 2018).

A mudança ambiental de uma criança para uma instituição de acolhimento, por si só, deixa-a vulnerável, considerando a transição da realidade a qual será submetida. Consoante Gabatz, Schwartz e Milbrath (2019), a fragilização dos laços familiares e comunitários, aos quais estava habituada, e que caracterizavam-se como procedentes de amparo (SOUZA; PANÚNCIO-PINTO; FIORATI, 2019), e das dificuldades enfrentadas, a criança terá seu cotidiano alterado, necessitando passar por um processo adaptativo em um local, e com

pessoas, desconhecidas, até então.

Segundo Souza, Panúncio-Pinto e Fiorati (2019), a perda dos vínculos resulta em um sofrimento social. Como consequência, atingirá a saúde do indivíduo, uma vez que essa está relacionada às exposições que a pessoa enfrenta ao curso de sua vida e também pelas condições que a englobam de maneira integral, além de ser moldada por possíveis eventos adversos. Dessa maneira, os impactos da vulnerabilidade social têm reflexo em diferentes níveis biopsicossociais: físico, cognitivo, emocional, ocupacional (SOUZA; PANÚNCIO-PINTO; FIORATI, 2019).

O vínculo humano com outros seres vivos é considerado como uma necessidade biológica e, também, apresenta-se como uma potencialidade à cura/melhora. Logo, a participação de um animal em processo terapêutico, educacional ou recreativo mostra-se relevante (CHALMERS; DELL, 2015). Assim, a IAA pode ser abordada em três perspectivas, que são: Terapia Assistida por Animais (TAA), Educação Assistida por Animais (EAA) e Atividade Assistida por Animais (AAA). Na TAA, o animal é parte integrante do processo de tratamento e recuperação, essa intervenção é supervisionada por profissionais da área da saúde habilitados, onde todo o processo deve ser documentado e avaliado, tendo o objetivo de auxiliar na melhora da relação social, física, psicológica e emocional do indivíduo ou grupo (KRUGER; SERPELL, 2010; COSTA; GATO; RODRIGUES, 2018). A EAA, promovida por um educador, objetiva fomentar o processo de aprendizagem, além do desenvolvimento psicossocial e psicomotor (NOBRE *et al.*, 2017). Já a AAA é uma interação realizada espontaneamente por meio de visitas em instituições de saúde ou educação que visa à recreação, entretenimento e educação; trata-se de um processo que não necessita de registro sobre a evolução do paciente e que tem o objetivo de estabelecer vínculos, reduzir a ansiedade e diminuir a sensação de dor para as crianças hospitalizadas, melhorando a qualidade de vida dos pacientes e promovendo o bem-estar (PEREIRA *et al.*, 2017).

Embora seja mais frequente a presença de cães, diversas espécies de animais podem ser utilizadas como Coterapeutas. Cavalos, gatos, aves, tartarugas, golfinhos, caramujos, coelhos, porquinhos-da-índia e animais de produção podem atuar como mediadores de uma IAA (FISCHER; ZANATTA; ADAMI, 2016; SQUILASSE; SQUILASSE JUNIOR, 2018). Contudo, é necessário que sejam cumpridos alguns requisitos para o uso desses animais. Além do adestramento, o animal que for utilizado deve ter suas unhas cortadas, ser banhado antecipadamente à intervenção, possuir condição de saúde estável, atestada por um profissional com o fito de evitar a propagação de zoonoses dos animais aos assistidos, ser sociável e não apresentar comportamentos agressivos (SQUILASSE; SQUILASSE JUNIOR, 2018).

Assim como ocorre com as espécies de animais, há variabilidade nos locais possíveis para implementação da IAA. Certamente, a disponibilidade e oferta dependem da entidade. Todavia, serviços de saúde, como hospitais, clínica de recuperação e consultórios dentários e educação, de diferentes níveis, além de instituições de acolhimento e penais, são exemplos de espaços nos quais podem ser empregadas as IAA, desde que sejam respeitados os protocolos para uso de animais (NOBRE *et al.*, 2017; SQUILASSE; SQUILASSE JUNIOR, 2018; COSTA; GATO; RODRIGUES, 2018).

De crianças até idosos, diversos são os benefícios proporcionados pelas IAA, independente de qual seja o público alvo. Na revisão realizada por Lima e Souza (2018), as autoras apontam benefícios físicos, mentais, sociais e emocionais, dentre os quais encontram-se estímulos a atividades físicas e a memória, amenização da rotina diária e fluidez das emoções. Ao relacionar os benefícios citados com as crianças do Serviço de Acolhimento, observa-se o estímulo à motricidade, em virtude de elas irem ao encontro da CT, e à conversação, enquanto dialogavam entre si, com o grupo mediador da intervenção e também com o cachorro, ademais a períodos de descontração e alegria. Outrossim, conforme explanado por Fischer, Zanatta e Adami (2016), ao mesmo tempo em que se constituem como exercícios para a coordenação motora, as ações de carícia e brincadeira com o animal contribuem para suavização de fatores estressores, já que a pelagem dos animais remete ao conforto.

As crianças participantes das IAA, anteriormente citadas, mesmo algumas nunca havendo tocado em um animal, permitiram-se ao compartilhamento de afeto com a CT. Esse efeito da IAA, tem explicação relacionada ao desempenho do animal em provocar respostas de afetividade, e, conseqüentemente, desencadear a interação social e humana, especificamente neste caso, das crianças (STEFANINI *et al.*, 2016).

Sendo assim, em virtude da interação e partilhamento de afeto com animais, entende-se que as IAA refletem no desenvolvimento social de um indivíduo, que foi observado pelas acadêmicas, pois a cada contato das crianças com a CT, foram observadas mudanças e evoluções relevantes. O contato desenvolvido por uma criança para com o meio social está ligado às sensações e ao afeto produzidas naquela, concluindo, portanto, que o afeto é um intermediador inerente à interação e integração sociais (BRAZÃO, 2015). Em virtude disso, a carícia a um animal, ação simples quando pensada em um contexto amplo, torna-se relevante quando desenvolvida por crianças institucionalizadas que nunca haviam tido essa possibilidade, ou seja, atitudes geralmente consideradas normais, tornam-se mais valorosas neste contexto (GABATZ; SCHWARTZ; MILBRATH, 2019).

O bem-estar proveniente da interação com animais relaciona-se com os efeitos fisiológicos

provocados pela ação. Uma vez que ocorre elevação do nível de ocitocina (CHALMERS; DELL, 2015), redução do medo (NOBRE *et al.*, 2017), da ansiedade e estresse, decorrente da diminuição do cortisol, além da redução da pressão sanguínea (LIMA; SOUZA, 2018) e de sinais de depressão, resultante da liberação de endorfina e adrenalina (MOREIRA *et al.*, 2016). Em síntese, a IAA propicia uma melhoria das funções psicológica, emocional e comportamental (STEFANINI *et al.*, 2016).

Em relação ao profissional de saúde, especialmente o enfermeiro, a IAA potencializa as habilidades de cuidado, tornando-o mais humanizado com a presença de um animal. Os familiares de crianças hospitalizadas percebem os resultados provenientes da interação entre médico/enfermeiro e o cachorro antes do atendimento, pois eles conversam de forma mais animada, ficam tranquilos, e realizam um cuidado melhor. Desse modo, percebe-se que há suavização das tensões derivadas do processo de trabalho (MOREIRA *et al.*, 2016).

Ademais aos benefícios que são proporcionados aos humanos, o animal utilizado para a intervenção também pode ser beneficiado já que poderá apresentar redução do cortisol e da pressão sanguínea e elevação dos níveis de ocitocina e endorfina como apontados por Fischer, Zanatta e Adami (2016). Mesmo havendo, na aplicação da IAA, um enfoque considerável na questão do ser humano, ressalta-se que o bem-estar do CT deve ser atentado. Em virtude disso, a participação de um médico veterinário torna-se fundamental, haja vista que ele detém o conhecimento acerca da saúde animal (COSTA; GATO; RODRIGUES, 2018). Independente da modalidade de IAA, é essencial que seja fundamentada na responsabilidade e no cuidado, respeitando a vida dos animais e considerando os princípios éticos para suas atuações nas atividades (FISCHER; ZANATTA; ADAMI, 2016), a fim de que a beneficência se torne recíproca entre assistidos e CT.

Conclusões

A partir da vivência extensionista no Serviço de Acolhimento, entende-se que a participação de um animal em uma abordagem terapêutica, recreativa ou educacional, contribui para a promoção da humanização e da qualidade de vida das crianças. É possível observar que a IAA é potencializadora do processo de cuidar, e proporciona bem-estar a todos os envolvidos, inclusive a CT.

Às acadêmicas, possibilitou a inserção na comunidade, experienciando, assim, novas realidades e permitindo a prática de ações a partir da teoria compreendida no cotidiano acadêmico, uma vez que essa modalidade de atividade interliga esses espaços, sociedade e academia, subsidiando o desenvolvimento e aprimoramento profissional e pessoal.

Palavras-chave: Terapia Assistida com Animais; Pediatria; Enfermagem.

Agradecimentos

Ao Serviço de Acolhimento, por oportunizar e disponibilizar o local para efetuação das atividades, assim como a todos os colaboradores e coordenadores envolvidos no desenvolvimento do Programa.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#art266. Acesso em: 22 maio 2020.

BRAZÃO, José Carlos Chaves. A Implicação do Afeto na Psicologia do Desenvolvimento: uma Perspectiva Contemporânea. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 342-358, jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200342&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 maio 2020.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 1-14, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000303001&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 1 maio 2020.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FOCHI, Paulo Sérgio. “O muro serve para separar os grandes dos pequenos”: narrativas para pensar uma pedagogia do cotidiano na educação infantil. **Textura - Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 18, n. 3, p. 153-170, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1949>. Acesso em: 5 maio 2020.

CHALMERS, Darlene; DELL, Colleen Anne. Applying One Health to the Study of Animal-Assisted Interventions. **Ecohealth**, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 560-562, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4703413/>. Acesso em: 17 maio 2020.

COSTA, M. M. M.; DIEHL, R. C.; PORTO, R. T. C. **Justiça Restaurativa e Sinase: Inovações trazidas pela Lei 12.594/12 enquanto política pública socioeducativa a adolescentes autores de atos infracionais**. Curitiba: Multideia, 2015.

COSTA, Mariana Pereira da; GATO, Fábio; RODRIGUES, Marcio Nogueira. Utilização de terapia assistida por animais como ferramenta no tratamento de doenças em humanos: Revisão. **Revista Pubvet**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 1-7, 2018. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigo/4108/utlizaccedilatildeo-de-terapia-assistida-por-animais-como-ferramenta-no-tratamento-de-doenccedilas-em-humanos-revisatildeo>. Acesso em: 21 maio 2020.

FISCHER, Marta Luciane; ZANATTA, Amanda Amorim; ADAMI, Eliana Rezende. Una mirada de la bioética para la zooterapia. **Revista Latinoamericana de Bioética**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 174-197, 2016. Disponível em: <https://revistas.unimilitar.edu.co/index.php/rlbi/article/view/1460>. Acesso em: 24 maio 2020.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil**. Fundação Abrinq: São Paulo, 2019. Disponível em: <https://fadc.org.br/sites/default/files/2019-05/cenario-brasil-2019.pdf>. Acesso em: 22 maio 2020.

GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi; SCHWARTZ, Eda; MILBRATH, Viviane Marten. Perspectivas adotadas pelos cuidadores na interação com a criança institucionalizada. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v. 9, e18, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/28411/pdf>. Acesso em: 4 maio 2020.

HINO, Paula *et al.* Interfaces of vulnerability dimensions in violence against children. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 3, p. 343-347, dez. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000900343&tIng=en. Acesso em: 25 maio 2020.

HOSEY, Megan M. *et al.* Animal-assisted intervention in the ICU: a tool for humanization. **Critical Care**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 1-4, fev. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13054-018-1946-8>. Acesso em: 30 maio 2020.

KRUGER, K. A.; SERPELL, J. A. Animal-assisted interventions in mental health: definitions and theoretical foundations. In: FINE, A. H. (ed.). **Handbook on Animal-Assisted Therapy: theoretical foundations and guidelines for practice**. United States Of America: Academic Press - Elsevier, 2010. p. 33-48.

LIMA, Aline da Silva; SOUZA, Marjane Bernardy. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. **Saúde e Desenvolvimento**, [s. l.], v. 12, n. 10, p. 224-241, maio 2018. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasaude/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880>. Acesso em: 24 maio 2020.

MOREIRA, Rebeca Lima *et al.* Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1188-1194, dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000601188&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 18 maio 2020.

MURTHY, Rekha *et al.* Animals in Healthcare Facilities: Recommendations to Minimize Potential Risks. **Infection Control & Hospital Epidemiology**, [s. l.], v. 36, n. 5, p. 495-516, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/ice.2015.15>. Acesso em: 19 maio 2020.

NOBRE, Márcia de Oliveira *et al.* PROJETO PET TERAPIA: INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS: UMA PRÁTICA PARA O BENEFÍCIO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO HUMANA. **Expressa extensão**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 78-89, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/10921>. Acesso em: 19 maio 2020.

PEREIRA, Viviane Ribeiro *et al.* INTERAÇÃO LÚDICA NA ATIVIDADE ASSISTIDA POR CÃES EM PEDIATRIA. **Revista Enfermagem em Foco**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 7-11, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/831/371>. Acesso em: 18 maio 2020.

SOUZA, Juliana Martins de; VERÍSSIMO, Maria de La Ó Ramallo. Child development: analysis of a new concept. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 1097-1104, nov./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01097.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

SOUZA, Larissa Barros de; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; FIORATI, Regina Célia. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 251-269, jun. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102019000200251&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 maio 2020.

SQUILASSE, Aline Fernanda; SQUILASSE JUNIOR, Fernando Tadeu. Intervenções

assistidas por animais: Considerações gerais. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 30-35, dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/37778>. Acesso em: 24 maio 2020.

STEFANINI, Maria Cristina *et al.* The effect of animal-assisted therapy on emotional and behavioral symptoms in children and adolescents hospitalized for acute mental disorders. **European Journal Of Integrative Medicine**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 81-88, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.eujim.2016.03.001>. Acesso em: 24 maio 2020.